



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7523 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

POTÊNCIAS E LIMITES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO TURNO DA NOITE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NA FAVELA DA MARÉ

Gustavo de Oliveira Figueiredo - NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE

Thayane Teixeira Vieira - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROFAEX - UFRJ

POTÊNCIAS E LIMITES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO TURNO DA NOITE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NA FAVELA DA MARÉ

Neste texto analisamos as potências e limites do projeto de um projeto de extensão universitária que possibilitou a integração de estudantes de graduação em serviço social, pedagogia, história da arte e terapia ocupacional no território da favela da Maré desenvolvendo atividades de educação popular no turno da noite com a Escola Estadual Bahia. Sob um contexto de intensa vulnerabilidade social em que se vive na favela foi possível identificar a importância de se promover ações educativas que abordassem o contexto vivido no turno da noite e as relações sociais complexas que se estabelecem com o território, as dificuldades encontradas para a continuidade da vida e as demandas relacionadas à subjetividade dos estudantes. O grupo interdisciplinar da extensão manteve ações semanais na escola durante dois anos inteiros de trabalho.

A coordenação da escola é realizada por uma diretora, assessorada somente por um coordenador pedagógico e uma funcionária que trabalha na secretaria. A escola tem 15 turmas, aproximadamente 650 estudantes e 23 professores. Uma característica determinante para o funcionamento e organização da escola é a sobreposição de tarefas e a intensificação do trabalho, com grande sobrecarga dos funcionários. Outro problema é a falta de professores. O quadro de docentes nunca esteve completo, sempre havia demanda de professores para algumas disciplinas. Também foi frequente as faltas dos professores, o que prejudicava tanto a continuidade do ensino bem como a própria organização da escola, já que várias turmas ficavam com tempo vago gerando complexa movimentação na escola.

Foi nesse cenário que trabalhamos com a comunidade escolar local, sempre com o objetivo de problematizar a realidade concreta que se vive na escola e na favela, buscando construir novos espaços e tempos educacionais que permitissem a troca de afetos e de experiências de vida com diálogo franco e aberto sobre a favela e os problemas enfrentados pela escola. Foi necessário a colaboração de todos os envolvidos no processo de formação.

Com o tempo, fomos ganhando confiança e pactuando ações que surgiam da demanda da escola mas que tinham o nosso método, dialógico e horizontal, inclusivo e participativo

para integrar os temas relacionados à qualidade de vida, à saúde e à cultura popular com os temas específicos do currículo escolar. A primeira demanda pactuada foi a rearticulação do grêmio estudantil da escola que estava desmobilizado já há alguns anos. Na intenção de nos aproximar das turmas, iniciamos um longo processo de escolha de representantes. Conversamos com os alunos sobre a importância de haver uma representação dos estudantes na escola, os modos de funcionamento da democracia participativa, abordamos temas sobre política e, após todo esse processo, conseguimos criar um grupo ativo com participação de todos os representantes de turma. A partir daí, articulamos diversas rodas de conversa sobre a importância de se ocupar espaços públicos como a escola e a universidade já que a memória dos processos de ocupação das escolas públicas nos anos anteriores estava ainda muito presente no imaginário coletivo. Sem assumir uma postura colonizadora ou salvacionista, promovemos uma ação dialógica para se pensar a importância de construir uma perspectiva de futuro, trabalhando sonhos, desejos e necessidades dos estudantes e abordando também desde temas relacionados à sobrevivência diária na favela, trazidos frequentemente pelos alunos, até a necessidade de lutar contra a exclusão social, a opressão e a violência que o Estado impõe aos territórios de favela. Sempre tivemos o cuidado de entender a situação de vulnerabilidade social em que os alunos se encontram e de acolher seu sofrimento decorrente daquela situação, buscando valorizar o potencial que cada um daqueles jovens possui, além de promover uma consciência coletiva dos seus direitos sociais à educação, saúde, assistência social, trabalho, moradia, alimentação e à cultura.

Pensando em criar espaços de diálogo, para além dos corredores e dos tempos vagos, o grupo participou de algumas reuniões de professores, onde nos apresentamos, fizemos proposições e debatemos em conjunto com o corpo docente sobre pautas importantes da escola. Esses encontros nos proporcionaram apoio para desenvolver eventos culturais na escola como um festival de poesia e HipHop, a feira de ciências, a festa junina e a festa cultural de encerramento do ano letivo. Estarmos inseridos dentro dos compromissos do colégio representa a conquista de confiança da direção, da coordenação pedagógica e dos professores. Embora a coordenação pedagógica reproduzisse um discurso conservador, sempre nos deu carta branca para as ações que propusemos e confiaram no nosso comprometimento com os estudantes. Quando algum professor faltava tínhamos a turma com o tempo vago para trabalhar, e na maioria das vezes mais de duas simultaneamente. Dessa forma fomos trabalhando até o final do ano, nos adaptando à realidade da escola e retrabalhando de forma dinâmica os nossos objetivos.

Logo depois dessas ações, o contexto do território mudou rapidamente e tivemos que interromper durante um certo tempo os nossos encontros semanais por conta das frequentes invasões policiais na Maré, operações que se intensificaram em 2019 e que eram feitas com o apoio de helicópteros sobrevoando em vôos rasos a favela e a escola. Os estudantes ficaram algumas semanas com aulas suspensas, relatavam no nosso grupo virtual o pânico do helicóptero e o medo de sair de casa para voltar a rotina normal, impossível ir à escola. Essas ações foram muito relatadas pela mídia, com o frequente assassinato de moradores a partir dos tiros de armas de fogo que vinham de cima desde os helicópteros.

Como reflexo desses problemas, a estabilidade do vínculo com os alunos era comprometida. Muitas vezes, nos questionamos porque era tão difícil construir um espaço fixo, de apoio, de trocas e de momentos compartilhados, os adolescentes, ainda que convivendo e conhecendo a gente, criavam um distanciamento e, talvez, um bloqueio por sermos da universidade e por nos perceberem como um tipo de autoridade semelhante a dos professores, embora tenhamos o tempo todo trabalhado numa perspectiva bastante dialógica. Tivemos muitos momentos de aflição, mas entendíamos que nas vivências dentro do espaço escolar, até mesmo as tentativas eram significativas também e, que por mais que o vínculo não fosse estável, conseguimos criar linhas de afetos, pequenos momentos de trocas,

conversas informais e escutamos inúmeras confidências.

Foi possível constatar que para que os alunos e professores expressem suas indagações, exponham sua subjetividade e estimulem sua imaginação é necessário provocar na escola novas redes intersubjetivas e interpessoais, mobilizando afetos e saberes. Por fim, trabalhamos para construir um ambiente disposto a pensar e tratar a violência estrutural e da exclusão social vivida na favela, nos desafiamos a problematizar a vulnerabilidade social construindo um espaço de acolhimento e formação política através da troca de afetos, ou melhor, do estabelecimento do que denominamos linhas de afetos, no sentido de se afetar individualmente para transformar coletivamente.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Escola Pública. Educação Popular. Favela.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. **Repensar la vulnerabilidad y la resistencia**. XV Simposio de la Asociación Internacional de Filósofas. Espanha: Universidad de Alcalá, 2014

FIGUEIREDO, Gustavo; WEIHMULLER, Valentina; ORRILLO, Yansy. Resultados de Proyectos Socioeducativos en el Desarrollo Humano de los Jóvenes. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 44, n. 4, 2019.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.